

Kenneth Mathews, Gênesis, Sessão 2, Criação, Gênesis 1:1-2:3

© 2024 Kenneth Mathews e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kenneth Mathews em seu ensinamento sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão número dois, Criação, Gênesis 1.1 a 2.3.

A sessão 2 é o relato da criação no capítulo 1, versículo 1 até o capítulo 2, versículo 3, e há cinco coisas para hoje.

Primeiro, a estrutura do relato da criação.

Em segundo lugar, a interpretação da palavra-chave “dia”.

Terceiro, criação e bênção para a humanidade.

Quarto, sábado.

Quinto, teologia. O que aprendemos sobre Deus e sua criação? Primeiro, a estrutura da conta de criação. Bem, provavelmente é muito óbvio que temos uma estrutura de seis dias mais um quando se trata de criar uma conta.

O que quero dizer com isso é que temos seis dias de criação, e então, no capítulo 2, versículos 1 a 3, temos um sétimo dia. E este é um dia de cessação, um dia de descanso quando a criação estiver completada no final do sexto dia. Então é isso que quero dizer com arranjo seis mais um.

Olhando para os detalhes, o que devemos fazer com o versículo 1? No princípio, Deus criou os céus e a terra. E quando se trata dos céus e da terra, aí temos na linguagem literária, temos o que é conhecido como merismo, figura de linguagem, merismo, merismo. Um merism é onde você tem opostos que indicam totalidade ou inclusão.

Então, quando diz os céus e a terra, está dizendo que Deus criou tudo. E essa é a nossa declaração principal. Na verdade, o que está dizendo é que Deus criou tudo no início, a substância, o material do qual surgirá a ordem criada e organizada.

E então temos uma descrição do que era a terra quando Deus disse no versículo 3, haja luz. Então, esse também é um passo preliminar para a compreensão desse primeiro discurso da criação, então que seja leve. Portanto, entendo o versículo 2 como um tanto introdutório e, ainda assim, como cenário para o primeiro dia da criação.

E há três expressões e descrições encontradas no versículo 2. A terra era sem forma e vazia. Outra maneira de dizer isso é que a Terra não poderia sustentar vida. Certamente não sustentou a vida humana.

Então, quando diz que não tem forma, então aqui temos que é incriado de uma forma desorganizada, e então está vazio. Não há vida criada. A segunda descrição é que há escuridão.

Essa escuridão inclui, se você observar, as profundezas — as águas, a superfície das profundezas. A terceira é a presença do Espírito de Deus, que circunscrevia, pairando sobre as águas.

Por outras palavras, embora fosse informe e vazio, não estava organizado de tal forma que pudesse produzir ou sustentar vida; não estava fora de controle. O Espírito de Deus estava pairando e, portanto, preparando-se para o que ocorre no versículo 3. Então, temos três dias para trazer a forma onde há o informe. E assim, o primeiro dia, o segundo e o terceiro dias.

Vejamos esses três dias. Então, você tem luz, como pode ver, que está separada da escuridão. As separações são muito críticas para o relato da criação porque através das separações você tem organização e um design, e veremos que haverá progressão.

Aí temos, no segundo dia, uma separação que tem a ver com as águas. E há o que é descrito aqui como uma extensão. Esta extensão é difícil de entender especificamente, mas seria uma separação atmosférica entre as águas acima e as águas abaixo.

As águas acima seriam o que entendemos como águas atmosféricas. As águas abaixo, é claro, seriam as da terra. Assim, no segundo dia, temos a separação entre o céu e as águas nos versículos 6 a 8. No terceiro dia, versículos 9 a 13, aqui temos as separações entre as águas da terra e a terra seca.

Então essa é essa separação onde a terra seca é chamada de terra, versículo 10, e as águas acumuladas, mares. Agora, uma maneira pela qual a terra funciona é que ela também pode significar terra. Aqui, é claramente terra.

É a mesma palavra hebraica. E há duas criações no terceiro dia. Observe o que se segue no versículo 11.

Que a terra produza vegetação, plantas com sementes e árvores que dêem frutos com sementes, de acordo com suas diversas espécies. Então, e isso é importante no versículo 12, a terra é uma mediadora. A terra produzia vegetação.

Então, Deus instrui a terra como mediadora para produzir vegetação. Assim, aquilo que era sem forma e não podia sustentar a vida foi revertido. Agora você tem forma organizacional e agora tem vida produzindo a vegetação.

Então, nos primeiros dois dias você terá um evento de criação. No terceiro dia você tem

dois eventos de criação. Agora, isso nos leva aos dias 4, 5 e 6. E descobriremos que os versículos 4, dias 4, 5 e 6 são paralelos aos dias 1, 2 e 3. E isso aborda o vazio que é descrito.

Não há vida. E assim Deus produz vida. Como os primeiros três dias poderiam sustentar a vida, agora temos uma vida que vem da palavra de Deus.

Agora, o que chama a atenção é que quando falo da vida no quarto dia, e isso seria nos versículos 14 a 19, estou falando dos objetos portadores de luz que estão na expansão do céu. Agora, há aqui uma separação, obviamente, entre o dia e a noite. Diz para deixá-los servir como sinais para marcar estações, dias e anos.

Então essa é a função deles. O modo como funcionam é do interesse da Terra e, em última análise, da família humana. Descobrimos também que são feitas referências ao sol e à lua, mas não com essa linguagem.

Diz que Deus fez duas grandes luzes, a luz maior, e então nos é dito a luz menor. E isso, portanto, proporciona o vazio da expansão com corpos luminosos. Agora dizemos, mas os corpos luminares não estão vivos.

Isto é verdade; sabemos disso, e o povo hebreu não entendeu que isso estava vivo. Mas o autor o coloca como preenchimento pela movimentação desses corpos. Aí chegamos ao dia seguinte, o quinto dia, e aqui temos as águas e o céu.

Então, você pode ver que isso é paralelo à separação entre o céu e as águas que ocorreu no segundo dia. E assim, com as águas, você tem, diz, as criaturas vivas, os peixes. E então você tem as aves, ou pássaros, no céu.

No dia seguinte, o sexto dia, é que Deus disse, deixe a terra... Lembre-se, o terceiro dia teve dois relatos da criação. Temos a primeira é a separação entre a terra e os mares. E aqui temos a produção, a criação dos animais terrestres, dos vários tipos de gado, criaturas que rastejam pelo chão.

Você pode ver essas categorias listadas para nós. Depois temos o segundo evento de criação no sexto dia. E isto também está na terra, e isto seria a humanidade.

E assim, nos versículos 26 a 28, temos a criação da própria imagem de Deus. O homem e a mulher foram criados à Sua imagem. O último dia é o sétimo dia.

E, claro, aqueles que estavam lendo o relato da criação, ou ouvindo o relato da criação, teriam entendido o sábado como uma referência ao sábado. A palavra sábado não ocorre realmente aqui. Mas o sétimo, seja um sétimo dia, ou um sétimo mês, ou um sétimo ano, ou um múltiplo de sete, isso seria 49 anos, e então o ano do Jubileu.

O povo hebreu certamente teria entendido que o sábado estava em mente, por isso me refiro a este dia como sábado. Mas na verdade diz sétimo dia, e este não é um dia de criação.

Isso se distingue do sexto dia de abertura, do primeiro ao sexto dia. Portanto, isso seria um bom entendimento prático da estrutura da conta de criação. A razão pela qual queremos encerrar o relato da criação no capítulo 2, versículo 3, embora o que segue no capítulo 2, versículo 4, seja um segundo relato da criação.

A razão pela qual queremos encerrá-lo é por causa do que se segue no versículo 4. A primeira ocasião da expressão toledoth. Então, estas são as gerações, esta é a linguagem que é usada, toledoth de Yarod, estas são as gerações. Ou, se você notar, o relato provavelmente é uma representação melhor, já que o que se segue é uma narrativa que conta um segundo relato da criação.

E o que eu gostaria para nós, e muito mais, será dito na nossa terceira sessão; o que gostaria que reconhecêssemos é que o segundo relato da criação que se segue no capítulo 2 não está em contradição, embora existam diferenças. O que encontramos no relato da criação no capítulo 2 é complementar porque nos dá duas perspectivas do mesmo evento. A primeira tem a ver com a descrição geral do que ocorreu nas categorias gerais.

Agora, quando chegamos ao relato da criação do capítulo 2, ele vai se concentrar naquele sexto dia onde temos a criação do jardim no qual encontramos o homem e a mulher que foram criados, e também se refere à criação dos animais. E então termina com a união do homem e da mulher. Agora, vejam vocês o capítulo 2 versículo 4 diz, e isto é importante para nós, diz, este é o relato dos céus e da terra quando foram criados.

Veja, isso é um eco do capítulo 1, versículo 1. Está claramente se referindo a isso. Naquele dia o Senhor Deus fez a terra e os céus. Gostaria que parássemos aí e percebêssemos que há uma reversão.

Enquanto em 4a está escrito céus e terra, agora observe o que foi invertido em 4b. A terra e os céus. A inversão é provavelmente uma pista de que o foco agora estará no que acontecerá com a família humana na Terra.

E agora nos concentramos nesse aspecto específico da criação no sexto dia. Portanto, embora o capítulo 2 fale da criação de forma tópica, não é tanto uma contradição, mas sim um arranjo tópico para ênfases especiais que seriam complementares ao relato da criação no capítulo 1. Agora, vamos falar sobre esse termo que é usado ao longo e essa é a palavra dia. A palavra hebraica é yom.

E assim, sabemos desde os primeiros tempos que houve problemas na interpretação desta palavra dia, yom. E por problemas quero dizer que houve diferenças de opinião sobre se este é o dia solar normal, o que chamaríamos de um dia de 24 horas, ou se o dia tinha ou não um significado figurado. Portanto, isto não surgiu com a ciência moderna, embora tenha se tornado um problema agudo com a ascensão da ciência moderna, em particular da história geológica.

Hoje, os cientistas da terra acreditam que a Terra tem cerca de 4,5 mil milhões de anos. E assim têm sido feitos esforços para compreender como é que poderíamos ter dias solares em mente nestes seis dias da criação, em oposição a como a palavra yom poderia ser usada de forma figurada, uma noção figurativa. Bem, é bastante óbvio, não é, por que muitos interpretariam isso como dia solar, por causa da linguagem usada.

Diz que no final de cada um desses seis dias houve tarde e no primeiro dia houve manhã. E isso é considerado um dia solar. Então sabemos que sempre que um dia ocorre na Bíblia Hebraica com a linguagem de um número, neste caso, o primeiro dia, o segundo dia ou o terceiro dia, refere-se a um dia solar.

Uma segunda maneira de entender yom seria nesta ideia figurativa, e que o dia seria um longo período de tempo, e que não estaria tão interessado em nos contar sobre o tempo ou como ocorreu a criação, mas sim quem é o O Criador. E assim, tem havido tentativas de estabelecer uma ligação estreita entre a história geológica e estes seis dias da criação. Outros vêem uma ligação frouxa, alguma progressão, uma progressão lógica, na narração destes seis dias, tal como há alguma progressão lógica na história geológica.

Portanto, essa foi uma tentativa de entendê-lo, caso em que a palavra dia é encontrada no próprio Gênesis para se referir a algo que não seja um dia solar, se é que se pretende um dia solar. Então, um exemplo disso seria se você olhasse comigo no capítulo 1, versículo 5, Deus chamou a luz yom. Deus chamou a luz de dia.

Ele provavelmente não poderia referir-se a todo o período solar, visto que o que se segue é a noite. E então acho que outro exemplo que é importante para nós é olhar para o capítulo 2, versículo 4. E estávamos olhando para isso há pouco. No capítulo 2, versículo 4, lê-se em 4B, literalmente no hebraico, no dia, em muitas traduções, é simplesmente traduzido como temporal, quando o Senhor Deus fez, mas significa no dia.

E aqui, muito claramente, dia se refere, não é mesmo, a toda a criação, todos os seis dias. Então, por essa razão, ou por estas razões, alguns consideraram isto como períodos de tempo, que poderiam acomodar um período mais longo da história geológica. Porém, eles teriam que levantar questões sobre os bilhões de anos, especialmente quando se trata da história da vida humana no sexto dia.

Agora, outra abordagem para isso seria que temos apenas uma história. O problema com isso é que se pensa que esta seria uma história sobre nos contar sobre Deus. E assim, seria revelador, e não tanto nos dar detalhes específicos sobre Deus e a criação.

E o problema com essa posição, com a qual não me sinto confortável quando se trata de interpretar Gênesis, é que não se pode aprender nada sobre a criação ou a história. Que não há conexão entre o relato da criação em Gênesis e a história material, física, geológica e humana real. Então, penso que a exigência da linguagem genealógica que é utilizada, unindo as várias histórias, estas são as gerações que ocorreram 11 vezes, indica-nos que existe uma ligação histórica entre as histórias da criação e da humanidade primitiva.

Assim como a genealogia é histórica, e assim como os relatos patriarcais se retratam claramente como históricos, a linguagem genealógica usada como cabeçalho é a forma como o autor diz que a história primária ou primitiva e a história patriarcal se cruzam como um único relato histórico. Agora, no que diz respeito às opções de considerar o dia como um dia solar ou referir-me a períodos de tempo mais longos, eu me inclinaria para a segunda abordagem em oposição ao dia solar. E acho que exegeticamente isso é exigido de mim, e aqui está o porquê.

Isto não se deve apenas à flexibilidade da palavra dia que vimos, mas também porque não podemos ter o que entendemos por dia solar quando se trata de interpretar o dia até que haja sol. Como você pode ter um dia ensolarado sem sol? E isso ocorre no quarto dia. Então, quando usa a linguagem tarde e manhã, entendo que é uma forma descritiva de retratar a progressão das trevas que ocorre no versículo 2 para a luz que ocorre no versículo 3, e que esse padrão é usado para propósitos literários para segmentar a conta de criação em seus seis dias.

Então, o que eu vejo é um artifício retórico, em vez de considerá-lo um dia solar, um dia de 24 horas. Agora, há uma segunda razão adicional pela qual eu veria que um dia solar não está em mente, e esse é o último dia, o sétimo dia. No capítulo 2, versículo 3, se você notar, versículo 3, diz: E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou porque nele ele descansou de toda a obra de criação que havia feito.

O sétimo dia então não tem aparelho, teve tarde e teve manhã. Em outras palavras, é sugestivo que o sétimo dia não deve ser tomado como um dia literal, mas como literal e mais. Em outras palavras, o sétimo dia segue estes seis dias da criação, mas implica que o sétimo dia continua.

E isso tem um significado teológico e espiritual. E o escritor de Hebreus, e você notará

isso em Hebreus capítulos 3 e 4, falará de como o sétimo dia é um sábado de descanso que ainda está disponível porque é um dia de descanso espiritual. E posso dizer mais sobre isso em um momento.

Então, pelas razões que indiquei, penso que o que temos aqui é uma forma diferente de contar uma história que é histórica no sentido de que é realmente real. É um evento real, não apenas um evento de história. E também podemos aprender algo sobre o mundo material, físico e humano em que vivemos.

Assim, o relato da criação pode ser contado de uma maneira diferente. É contado no sentido do que chamamos de linguagem fenomenológica. A linguagem fenomenológica é onde você tem uma descrição do que aparece na forma como é visto pelo olho humano, em oposição à linguagem científica e precisa.

Estamos acostumados com isso. O exemplo mais comum é o meteorologista, que não lhe dá uma explicação científica detalhada quando usa a linguagem do nascer e do pôr do sol. É assim que aparece.

E todos nós entendemos isso. Todos nós aceitamos isso. Não consideramos isso um erro ou enganoso.

É apenas uma maneira diferente de retratar o que sabemos ser verdade. E acho que é isso que está acontecendo hoje em dia. É como se alguém estivesse na superfície da terra e observasse todos esses eventos da criação.

Agora, vamos dar uma olhada na criação e nas bênçãos para as humanidades. Aqui estaremos falando sobre a criação única da humanidade. E assim, o que descobrimos é, como mencionei na nossa primeira sessão, que enquanto Deus fala sobre o que ele cria, e até abençoa onde temos a vida animal que é criada, a vida aquática, a vida expansiva ou vida celeste, a vida pássaros e depois a vida animal, dizem que são abençoados por Deus.

Mas quando se trata da humanidade, Deus realmente fala com a humanidade. Ele lhes dá uma posição privilegiada por serem criados à sua imagem. Agora, é claro, há muita discussão sobre o que é a imagem de Deus, mas acho que com base neste tipo de contexto e no que se segue no capítulo 2, podemos dizer que tem a ver com a criação. de homens e mulheres como pessoas, identidades.

Então, vamos usar o relacionamento terminológico. O que é importante quando se trata da criação e da bênção para a humanidade é que os estudiosos tentaram lutar entre o que é a natureza humana versus a de um animal. E por que é que os humanos são tão valorizados por Deus? Então, vamos dar uma olhada no versículo 26.

Então Deus disse: O homem, à sua imagem, à imagem de Deus, ele o criou. Homem e mulher, ele os criou. E então Deus os abençoou e disse-lhes: Frutifiquem e aumentem em número.

Encha a terra, subjuguem-a, domine os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que se movem pela terra. Agora, quando diz imagem e semelhança, essas duas palavras são diferentes em hebraico, mas se sobrepõem um pouco porque ambas têm a ver com representação. A imagem é especialmente importante para o nosso estudo porque é comumente usada para ídolos.

Mas imagem e semelhança são usadas como sinônimos em Gênesis capítulo 5, versículo 1, e também em Gênesis 9, versículo 6. Portanto, na verdade, imagem e semelhança não devem ser divorciadas, mas sim vistas como uma expressão poética, uma repetição, pela qual você tem ambos falando de como eles, isto é, o homem e a mulher, representam Deus. Agora, quando se trata de descrever, bem, responder à pergunta: qual é a imagem de Deus? A razão pela qual há certa controvérsia em relação a isso é porque esta passagem não nos diz qual é a imagem de Deus. Pelo contrário, o que ela nos diz é o que a imagem de Deus faz, e isso é que a imagem de Deus governa, a imagem de Deus procria.

O que penso que o autor tem em mente aqui é basear-se na linguagem do antigo Oriente Próximo de duas maneiras. Em primeiro lugar, ele recorre à linguagem das famílias reais porque os descendentes da casa real também seriam, claro, figuras reais que seriam então identificadas como filhos do rei ou o próprio rei seria visto como, aqui está a língua, os filhos dos deuses. E que ou no Egito o rei era na verdade Deus, ele era Hórus, ou na Mesopotâmia e Canaã, aí você teria o rei como semidivino.

Quando se tratava de Israel, é claro, dos israelitas, seu rei não era nem Deus nem semidivino, mas sim representativo. E é aqui que também entra em cena a imagem, onde um rei ao conquistar uma terra em muitas ocasiões erguia um pilar de pedra, uma estela, na qual o rei descrevia as diversas batalhas, conquistando a terra, podendo até ter uma imagem esculpido no pilar de pedra de si mesmo. E essa foi a sua maneira de reivindicar aquela terra como sua.

Se juntarmos isso, Deus pode muito bem estar dizendo que os homens e as mulheres são minha marca, meu pilar, dizendo que sou dono do céu e da terra, que sou o autor de toda a vida. E também que o homem e a mulher são representativos do governo de Deus. Em outras palavras, eles têm autoridade derivada.

Isso entra em jogo quando olhamos para a regra da linguagem no versículo 26. E também no versículo 28, governar, ou subjugar, essa é a linguagem dos reis. E então o que está sendo dito aqui, muito importante teologicamente para nós, é que o homem e a mulher são representativos do governo de Deus sobre a terra e que o homem e a mulher,

portanto, têm uma autoridade derivada investida neles, como vice-regentes. sobre a terra e são responsáveis perante Deus pela maneira como cuidam da terra.

O versículo 27 também é instrutivo para nós. Então, Deus criou o homem. Vamos fazer uma pausa exatamente como encontramos no versículo 26.

A linguagem homem é um termo genérico usado em hebraico, e você está familiarizado com isso, *adão*, que significa humanidade. Então, Deus criou a humanidade à sua própria imagem. À imagem de Deus, ele o criou.

Quero que você perceba a inversão poética aqui. Começa com Deus criou o homem, e vamos em frente e digamos a humanidade, porque, como veremos, inclui homem e mulher. Então isso seria seguido por, à sua própria imagem, e então diz novamente, é aqui que está invertido, a imagem de Deus, e por último, ele o criou.

Então, a maneira como isso poderia ser entendido em termos de suas partes paralelas, então Deus criou o homem, que seria A, à sua própria imagem seria B, à imagem de Deus seria B correspondente, e então ele o criou, seria uma correspondência. AB, B A. Por que isso? Bem, provavelmente para enfatizar a ideia da imagem. Agora, a terceira expressão poética no versículo 27 detalha a humanidade, a humanidade, que se encontra no 27, e isto nos diz que a humanidade é composta de dois gêneros diferentes, masculino e feminino; ele os criou.

Homem e mulher, ele os criou. Então, está nos dizendo que tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem de Deus. Também quero salientar que enquanto falamos sobre a bênção para a humanidade, e isto é, é importante para nós vermos que enquanto no antigo Oriente Próximo, os reis e figuras reais eram considerados filhos de Deus ou os filhos de Deus.

Mas quando se trata de teologia hebraica, ideia hebraica e perspectiva hebraica, é uma democratização que, com isso, quero dizer que todos os homens e todas as mulheres têm esse status elevado aos olhos de Deus, que não é apenas o rei, mas todos os homens e todas as mulheres, todos os seres humanos, todos aqueles criados à imagem de Deus têm esta relação com Deus e desfrutam da bênção de Deus e do fruto desta bênção, dando-lhes autoridade derivada, tal como os reis, tal como as figuras reais, sobre a criação terrestre de Deus, sua esfera terrestre. Agora, voltando a toda esta ideia de natureza humana, natureza humana, o que queremos dizer com natureza? E isso é importante para nós esclarecermos. A natureza humana, então, se tomássemos, digamos, pássaros e humanos, teríamos uma certa sobreposição em nosso ser essencial; isso é o que significa natureza, sua essência, seu ser essencial, e o que caracteriza isso.

Assim, por exemplo, os pássaros têm olhos e os humanos têm olhos. Os pássaros cantam e os humanos cantam. Mas os pássaros fazem coisas e os humanos fazem coisas que os outros não fazem.

Então, os pássaros podem voar e nós não voamos. Então, seria errado dizer que temos a natureza de um pássaro ou que um pássaro tem a natureza de um ser humano. Agora, embora a nossa essência, o nosso ser, seja diferente no que diz respeito à vida humana, todos partilhamos na humanidade a natureza comum, uma natureza comum.

No entanto, isso não significa que somos todos cópias carbono. Não, de forma alguma. Porque temos identidades únicas, ou poderíamos dizer pessoas, e isso tem precedência sobre a natureza humana.

Deixe-me dar uma sugestão sobre como isso pode ser. Digamos, por exemplo, que definimos a natureza humana como uma pessoa que expressa um intelecto, alguém que tem inteligência. Mas o que acontece no final da vida, ou em outro momento, mas normalmente pensamos nisso no final da vida, com a demência, quando uma pessoa perde essa expressão de inteligência por causa de um distúrbio de saúde, ou alguém que nasce deficiente em sua mente.

Isso significa que eles não são seres humanos? Não, porque a imagem de Deus diz respeito à personalidade, e quer se trate de uma pessoa com demência ou de alguém que esteja, por exemplo, em coma perpétuo, essa pessoa tem uma identidade. E isso tem precedência sobre a natureza da pessoa. Deus fez você e eu humanos, mas com identidades específicas, pessoas específicas, tendo personalidade, mas pessoas.

E por que ele fez isso? Porque ele quer um relacionamento único com cada pessoa. Assim, cada pessoa é abençoada com uma personalidade, mas essa personalidade é projetada para ter um relacionamento especial e único com Deus. E cada um de nós pode desfrutar dessa bênção especial que vem de Deus.

Mencionei a seguir o sábado, e quando se trata do sábado, você pode vê-lo como um dia santo. É o único que se diz ser um dia sagrado. E como um dia especial, é quando lido através dos olhos da experiência de Israel com Deus no Sinai, no relacionamento de aliança com Deus, que você pode ver como isso implicaria uma celebração.

E porque os dias de sábado, é claro, eram dias reservados para o propósito de adoração e para desfrutar das bênçãos de Deus através da cessação do trabalho, é um dia especial, reservado no sentido de que é um dia santo, reservado para adoração focada. . E é isso que está acontecendo aqui, eu acho, é que há um convite implícito para toda a criação entrar em seu descanso sabático e desfrutá-lo neste dia de celebração. É um dia reservado para esta presença revigorante e renovadora de Deus na vida do seu povo e na vida da criação.

O escritor de Hebreus diz que o descanso sabático que mencionei anteriormente ainda está disponível. E entramos nisso pela fé, e somos convidados por nosso Senhor Jesus Cristo, e devemos responder a esse convite para entrar em sua vida, em seu sábado, em seu descanso, que está

disponível para todos aqueles que se arrependem de seus pecados, como o escritor de Hebreus nos diz. E então entraremos nesse descanso pela fé.

Por último, gostaria de dizer algumas coisas sobre teologia. O que isso nos ensina sobre Deus e o que nos ensina sobre sua criação? Quando chegarmos aos versículos iniciais deste capítulo um, quero que reconheçamos, muito importante, criticamente importante, que a maneira pela qual a criação é feita por Deus não é como aquela que você encontraria no mundo antigo, seja ele no antigo Oriente Próximo ou no mundo greco-romano. Aqui, a criação não é uma extensão do ser de Deus.

Não é uma emanção, e por emanção quero dizer que não é uma consequência do seu ser, quer Deus e a criação sejam entidades totalmente separadas, por isso podemos dizer com segurança que não temos uma criação divina. Na mente de tantas religiões, existe o Pai Céu e a Mãe Terra, que o Pai Céu e a Mãe Terra são seres divinos vivos, mas não é assim com a visão de mundo apresentada pela Bíblia. No antigo Oriente Próximo, você tinha três ideias.

Uma delas seria como a criação surgiu por autogeração, que os deuses da criação simplesmente geraram a si mesmos e então povoaram e criaram o universo. O segundo é o motivo guerreiro, que representa os deuses do caos, os deuses da água, os deuses da morte, em oposição aos deuses do cosmos, onde há vida. Esta luta é vencida por um deus-herói, e ele é feito rei dos deuses.

É claro que este não é o caso em Gênesis 1. Não há batalha contra Deus. Ele apenas fala com autoridade, e tudo se comporta, e foi assim, e foi assim, e foi assim, e foi assim. E ele controla tudo e qualquer coisa que possa ser indisciplinada, como a escuridão e as profundezas.

E, portanto, não há motivo de Deus aqui ser um deus guerreiro que sofre oposição de divindades que representam qualquer coisa que se oponha a ele e à sua autoridade como criador. O terceiro motivo é a procriação. Aqui, você tem as imagens do nascimento de divindades masculinas.

Estas seriam as divindades guerreiras primitivas e as divindades femininas, as deusas, que se unem e têm uma relação sexual, uma união que produz os deuses, e então os deuses, por sua vez, produzem a ordem criada. Aí, é claro, está o aspecto mais marcante do relato da criação quando você o lê no contexto dos relatos da criação de sua época no antigo Oriente Próximo, ou seja, não existe nenhuma divindade feminina. Isso é tão contracultural.

Isto é dramaticamente diferente da visão de mundo dos antigos no antigo Oriente Próximo. E então, quando se trata do mundo greco-romano, Platão ou Aristóteles, os grandes filósofos gregos de todas as escolas de filosofia, entendiam os deuses como distantes do tempo na história. E realmente, não foi pessoal.

Não é Deus nas pessoas. Mas para que deus seja separado da história pessoal, da história humana, é necessário usar a expressão para mostrar esta relação pessoal; às vezes, você ouvirá pessoas falarem de eu e você, referindo-se a Deus ou a uma pessoa humana diferente, ao relacionamento eu-tu. Mas com os filósofos gregos, é eu-isso.

Deus é realmente um puro ato de pensamento, um puro ato de pensamento em oposição a um ser pessoal. E isso é dramaticamente diferente do que encontramos quando se trata do Deus da Bíblia. Quando nos reunirmos para nossa terceira sessão, passarei para o capítulo 2, versículo 4, a história do jardim.

Mas vou juntar os capítulos 1 e 2 para falar sobre como Deus é descrito como um Deus triúno, ou mais precisamente, poderíamos dizer, como Deus é um em unidade, mas dentro dessa unidade, encontra-se uma pluralidade. Assim, a sessão 3 começará com a narrativa do jardim. E veremos o capítulo 2, versículo 4, até o capítulo 3.

Este é o Dr. Kenneth Mathews em seu ensinamento sobre o livro de Gênesis. Esta é a sessão número dois, Criação, Gênesis 1.1 a 2.3.